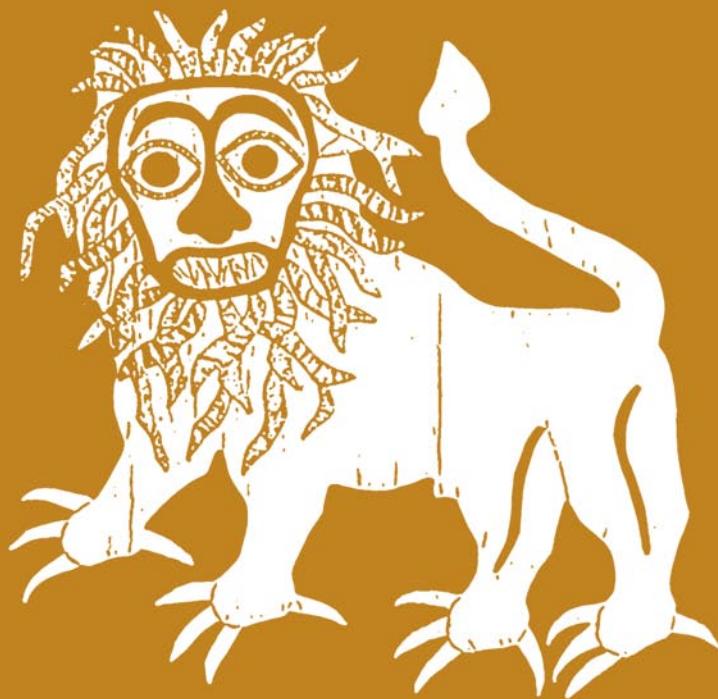




MAFRO

MUSEU AFRO-BRASILEIRO

CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS / **UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**



SETOR **ÁFRICA**

Projeto de Atuação Pedagógica e Capacitação de Jovens Monitores

MATERIAL DO ESTUDANTE

Apresentação

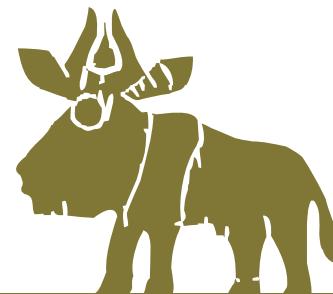
O Museu Afro-Brasileiro - MAFRO foi inaugurado em janeiro de 1982, fruto de um Programa de Cooperação Cultural entre o Brasil e países da África. Seu acervo é composto de esculturas, máscaras, tecidos, cerâmicas, adornos, instrumentos musicais e jogos africanos, que testemunham a visão de mundo e os conhecimentos técnicos de diversos povos da África Ocidental e Central. Há também objetos de origem afro-brasileira, relacionados às divindades, sacerdotes e sacerdotisas do candomblé na Bahia. Destaca-se o conjunto de talhas em cedro do artista plástico Carybé retratando 27 orixás, uma das mais importantes obras da arte contemporânea brasileira.

Este museu é concebido como um espaço de identidade e memória da população afro-descendente. Para contribuir com o processo de implementação da Lei 10.639/03, que determina a obrigatoriedade do ensino de história e culturas africanas e afro-brasileiras, foi criado o Projeto de Atuação Pedagógica e Capacitação de Jovens Monitores, desenvolvendo uma ação educativa que visa à divulgação de conhecimentos acerca da história e culturas dos africanos e afro-descendentes a partir das peças do acervo do museu, contrapondo-se aos estereótipos disseminados

pela mídia e, em parte, pela própria escola. Outros objetivos são o combate à intolerância religiosa e a valorização da diversidade étnico-cultural.

Para isto, foi formada uma equipe de 12 jovens monitores afro-descendentes, que vem desde agosto de 2005, disponibilizando ao público escolar roteiros de visita monitorada ao MAFRO, abordando os temas: família, ancestralidade e fertilidade; rituais de iniciação e marcas corporais; papéis masculinos e femininos nas sociedades africanas; tradição oral e linguagem proverbial; ancestralidade e poder nos reinos africanos: as insígnias de reis e chefes. Outra importante ação do Projeto é a elaboração de materiais de apoio à ação educativa, com um volume referente a cada setor (África e Religiosidade Afro-Brasileira), e duas versões, para estudantes e professores.

Espera-se assim oferecer subsídios aos educadores para concretizarem o desafio de pluralizar a educação no Brasil.



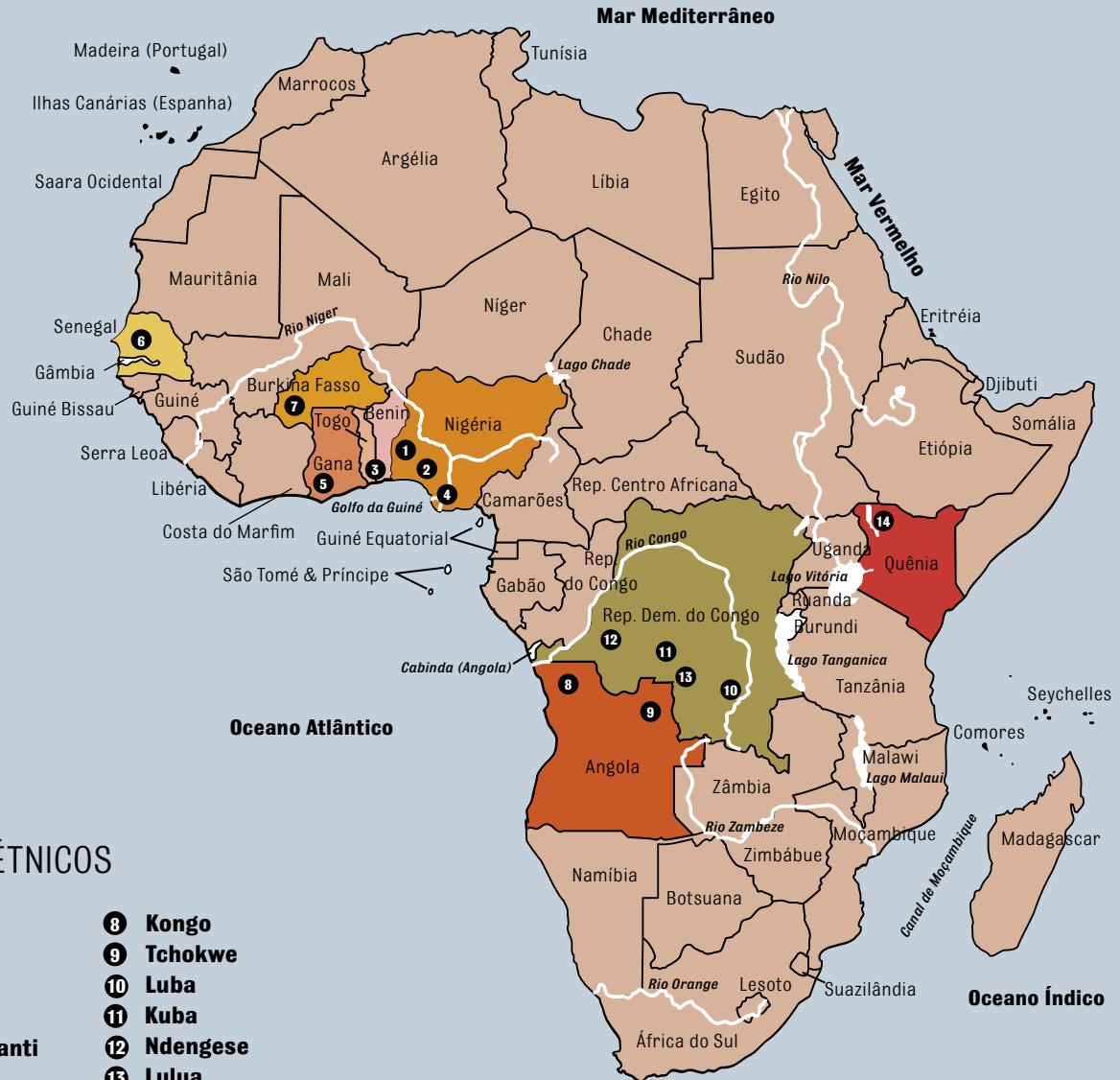
Caros estudantes:

Este é um material de apoio à sua visita ao setor África do MAFRO, que vai ajudá-los a saber mais sobre a arte e as culturas africanas. Durante a visita, o monitor fará perguntas e lhes dará informações que os ajudarão a compreender e apreciar os objetos do museu. Depois, em casa ou na sala de aula, este material pode ser utilizado para que vocês se lembrem da visita, propondo também questões para orientá-los a olhar melhor para os objetos, para descobrir sua beleza e aprender com eles sobre os povos que os fizeram. Afinal, só se pode gostar daquilo que a gente conhece, não é mesmo?

Preparamos este material para que cada criança e adolescente possa aprender mais sobre a África, sobre a história dos antepassados do povo negro na Bahia, para assim gostar mais de sua própria cultura, para gostar mais de si mesmo. Aproveitem bem a visita, tirem suas dúvidas com os monitores e guardem este material com carinho!



ÁFRICA



GRUPOS ÉTNICOS

- | | |
|----------------|------------|
| ❶ Yoruba | ❸ Kongo |
| ❷ Bini | ❹ Tchokwe |
| ❸ Fon | ❺ Luba |
| ❹ Igbo | ❻ Kuba |
| ❺ Akan/Ashanti | ❼ Ndengese |
| ❻ Wolof | ❽ Lulua |
| ❼ Bobo | ❾ Turkana |



**1. Que tipo de objeto é este?
De que forma ele é usado?**

**2. Para nós, quando é que se
usa uma máscara ou
uma fantasia?**

Para que ela é usada?

**3. Você consegue perceber
as diferentes partes desta
máscara? O que você vê na
parte de cima?
E na de baixo?**

Esta máscara pertence a uma associação de mulheres do povo Yoruba, chamada Geledé, que faz um festival para homenagear e acalmar as perigosas e temperamentais Iya Mi Oxorongá, as “mães ancestrais”, saudando assim todas as mulheres e seu poder mágico de ter filhos. Esta é uma forma de mostrar que as mulheres têm um papel importante na sociedade e que suas opiniões devem ser respeitadas, apesar do poder político estar nas mãos dos homens (que são, também, os que usam estas máscaras). Elas retratam cenas e personagens que representam provérbios, cujo sentido estimula a solidariedade e a busca de uma forma pacífica de resolver os conflitos.

Na África, a máscara não serve só para esconder o rosto de quem a usa: ela o transforma em alguém diferente, “alguém” que não é uma pessoa, mas um espírito ancestral, um poder do “outro mundo”. Quem usa a máscara não está “fingindo” ou fantasiado: ele é, naquele momento, para os outros e para si mesmo, outro “alguém”.

Essa “transformação” só acontece em ocasiões especiais: momentos rituais, quando toda a comunidade se reúne com objetivos comuns: cerimônias de iniciação, quando crianças se preparam para tornar-se adultos; enterros;

coroação de chefes e reis; festas da colheita ou plantio; preparação de expedições de caça ou de guerra; rituais de cura de doenças; cobrança de impostos, policiamento e cumprimento da justiça. Como se vê, as máscaras servem para muito mais que divertir: elas têm funções educativas, religiosas, militares, políticas e econômicas.

A máscara não é apenas a peça esculpida em madeira que você vê no museu. Ela inclui também a roupa do mascarado, os bastões que ele carrega, os chocalhos amarrados nos tornozelos ou cintura. Mas ela só se torna mesmo uma máscara quando entra em ação, dançando a música dos tambores e outros instrumentos, enquanto a comunidade participa olhando, batendo palmas, cantando, estimulando com gritos e às vezes fugindo, com certo medo e respeito, do grande poder que a máscara transmite.



Máscara Geledé

Etnia Yoruba

Rep. Pop. do Benin

Madeira, tinta

Escultor: Casimir Lagnibá

1. O que se pode reparar no tamanho do cavaleiro em relação ao cavalo? Por que será que o escultor fez esta peça assim?

2. Agora observe o corpo do cavaleiro. Quais partes eram consideradas as mais importantes? Como você chegou a esta conclusão?



A maior parte das peças de arte africana é considerada não-naturalista. Isso quer dizer que os africanos não tentam representar as coisas “como elas são”, ou como elas parecem ser. Ao contrário, o escultor africano tenta mostrar nas peças aquilo que, segundo seus valores culturais, é mais importante, mais significativo: ele tenta expressar um ideal. Nesta peça, por exemplo, o cavaleiro é maior que o cavalo por ser mais importante que ele, segundo a visão de mundo yoruba.



Para os yoruba a cabeça, chamada **ori**, é a parte mais importante do ser humano, pois é o centro da força vital (chamada de axé). É ainda na cabeça que está inscrito o destino do indivíduo. A cabeça, para os yoruba, serve para muito mais do que pensar: ela é a ponte que liga uma pessoa a seus antepassados e a suas divindades, os orixás. Por isso ela recebe tanto destaque nas esculturas deste povo.



Cavaleiro

Etnia Yoruba
Cotonou, Rep. Pop. do Benin
Madeira
Escultor: Bouraima Idrissou



1. Que desenhos você vê neste tecido?

2. O que um leão simboliza para você?

3. Se você tivesse que contar uma história a partir destes desenhos, como ela seria? Qual seria seu tema?

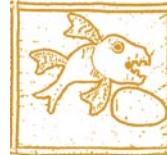
4. Você se lembra de desenhos que você vê no seu dia-a-dia que transmitem informações ou mensagens? Discuta com seus colegas e professores.

Tecido Aplicado do Daomé

Etnia Fon

Rep. Pop. do Benin

Tecido



Os tecidos com apliques do povo Fon do Reino do Daomé (“avo”) foram criados como arte da corte no reinado do rei Agadjá (1708-1740). Eles celebram o nome dado ao rei quando sobe ao trono, assim como fatos importantes de seu reinado, especialmente suas conquistas militares. O nome escolhido pelo rei expressa um ou mais provérbios que se relacionam com características pessoais do rei, com suas divindades (voduns) ou ainda com as condições em que assumiu o trono. Muitas vezes ele é simbolizado por algum animal conhecido por sua bravura, força ou sabedoria, como o leão, o búfalo, o tubarão ou certos pássaros.



Este tecido celebra o nome do rei Glelé (1858-1889), cujos provérbios são “O leão poderoso nunca é pequeno para apanhar sua presa; o rei Guézo, que era um leão, deu à luz a um leão com dentes e garras” e “A faca de Gu fere aqueles que o provocam”. Gu é a divindade (vodun) do ferro e da guerra, simbolizado por sua espada, que também é o símbolo do Mafro. Guézo foi o pai de Glelé, que reinou entre 1818 e 1858. Os outros desenhos do tecido referem-se ao pássaro calau, que esmaga com o bico uma noz de cola, simbolizando a vitória sobre os inimigos mais fortes, e um cavalo com a cabeça de um chefe yoruba, inimigo do rei Glelé, pendurada.

Todos os símbolos mostram a força do rei e, como a estátua do cavaleiro yoruba, testemunham a história dos combates entre os diversos povos do golfo do Benin nos séculos XVIII e XIX.

1. O que é este objeto?

Como será que ele era usado?

2. Quais partes do corpo desta peça são ressaltadas? Por que será que o escultor a fez assim?

3. Você sabe o que é um amuleto?

4. Se você fosse uma mulher ashanti e pudesse usar esta estatueta como amuleto para realizar um desejo, imagine qual seria?

5. Se esta peça fosse usada como brinquedo, quem brincaria com ela? Por que?

Esta estatueta chama-se akuaba, feita por um escultor do povo Ashanti, de Gana. Quando uma mulher ashanti quer engravidar e ter um filho bonito e saudável, ela encomenda uma akuaba para usar como amuleto, amarrada junto ao corpo, para que seu desejo se realize. Ou seja, este objeto é usado para estimular a fertilidade da mulher, isto é, sua capacidade de gerar filhos. Por isso o escultor resalta os seios e a barriga (o umbigo) da estatueta, fazendo-a parecida com a futura mamãe grávida. Repare que ele nem se preocupa em fazer os detalhes do resto do corpo: lembre-se que as esculturas africanas só representam os traços essenciais, para os quais se quer chamar a atenção. O artista mostra um ideal de beleza e de comportamento para a criança que vai nascer.

6. Você se lembra de outras peças da exposição que mostrem o desejo de que a família cresça e prospere?



Boneca Akuaba
Etnia Ashanti
Gana
Madeira

As akuabas são chamadas de “bonecas da fertilidade”. Isto porque, além de amuleto, elas também são usadas pelas meninas ashanti para brincar de ser mãe, começando a aprender o papel mais importante que vão ter na vida. O crescimento da família significa prosperidade, bem-estar e equilíbrio para os africanos. Por isso eles fazem muitos objetos para garantir que as mulheres tenham filhos, sempre contando com a ajuda dos ancestrais, para que a família continue, continue, continue... agora você já consegue entender porque há na exposição tantos objetos que mostram as partes sexuais dos homens e mulheres: na África tradicional, o sexo é visto sem preconceito, pois é a forma de garantir muitos filhos para que a família nunca acabe, para que a memória dos ancestrais seja sempre preservada, e com ela as tradições e ensinamentos herdados há gerações e gerações...

1. Que tipo de objeto é este? Para que você imagina que ele era usado? Quem o usava?

2. Descreva a pessoa representada nesta peça (idade, sexo, atitude). Repare também nos detalhes do corpo e cabelo.

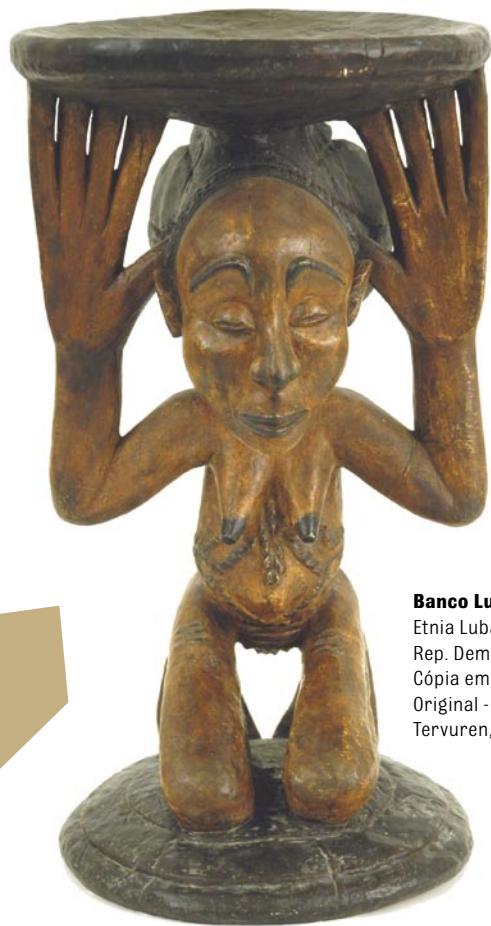
3. Qual é a função desta pessoa no objeto? O que ela está “fazendo”? Qual parte do seu corpo mostra isso mais claramente?

Esta peça é um banco. No entanto, ele não é um objeto utilitário, ou seja, feito para ser usado para alguém se sentar, mas sim um bem de prestígio, um objeto que mostra o status (posição social) e poder de quem o possui. Quando pertencem a reis e chefes, estes objetos também são chamados de regalias.

4. Você acha que na nossa sociedade certos objetos também mostram o poder econômico e o status de uma pessoa? Quais?

5. Você se lembra de objetos que simbolizam o poder dos reis?

Você deve ter se lembrado das coroas e cetros dos reis europeus. Os chefes africanos também possuem emblemas de poder, como bastões, coroas, espadas, caça-moscas, caixas de rapé, cachimbos, apoios de cabeça, bancos e tronos. São objetos especiais, finamente decorados e muitas vezes esculpidos em forma humana. Normalmente são feitos por artistas a serviço da corte ou oferecidos como presente por outros chefes. Estes presentes ajudam a criar ou manter laços entre famílias e grupos, pois são retribuídos, mantendo uma constante troca entre essas pessoas.



Banco Luba
Etnia Luba
Rep. Dem. do Congo
Cópia em gesso
Original - Museu de
Tervuren, Bélgica

Para os Luba e para a maioria dos povos da África Central, uma pessoa pertence à família de sua mãe. Um homem torna-se chefe por ter herdado este cargo de seu tio, irmão de sua mãe. Por isso as mulheres são tão importantes, especialmente as que já morreram, tornando-se ancestrais. São elas que sustentam, de lá do outro mundo, o poder aqui na terra. É o apoio delas que faz com que todos reconheçam alguém como legítimo chefe. A prosperidade e a fertilidade do reino são o maior sinal de que as ancestrais o apóiam. Por isso se vê no banco esta ancestral, segurando com suas grandes mãos o banco do chefe.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Naomar de Almeida Filho

Reitor

Francisco José Gomes Mesquita

Vice-Reitor

Lina Maria Brandão e Aras

**Diretor da Faculdade de Filosofia
e Ciências Humanas**

Jocélio Teles dos Santos

Diretor do Centro de Estudos Afro-Orientais

Maria Emília Valente Neves

Coordenadora do Museu Afro-Brasileiro

PROJETO DE ATUAÇÃO PEDAGÓGICA E CAPACITAÇÃO DE JOVENS MONITORES

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Jocélio Teles dos Santos

Coordenador Geral

Maria Emília Valente Neves

Assistente de Coordenação

PESQUISA E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Juipurema Alessandro Sarraf Sandes

Coordenador de Pesquisa e Edição

Maria Paula Fernandes Adinolfi

Coordenadora Pedagógica e Texto Científico

Aline Silva Jabar

Pesquisadora

Daniele Santos de Souza, Iraci Oliveira dos Santos

Estagiárias

Denyse Emerich

Consultora — Educação em museus

Walter Mariano

Projeto Gráfico

Ricardo Prado Góes

Fotografia

Professores Colaboradores

Departamento de Museologia - UFBA

Joseania Miranda Freitas

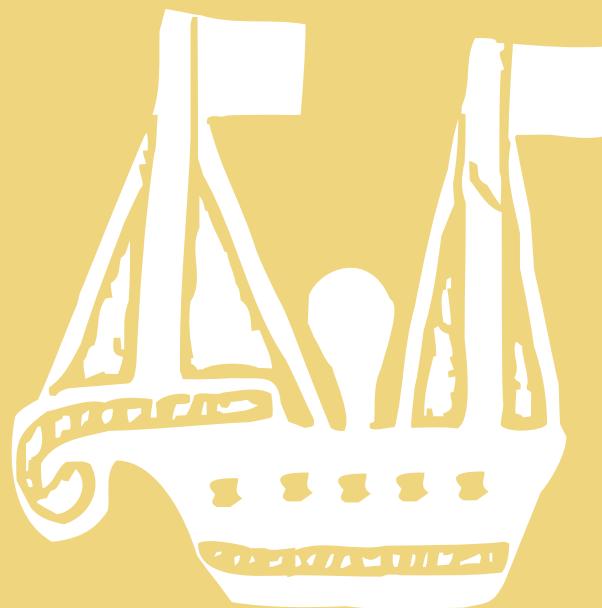
Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha

PATROCÍNIO

Deputado Federal Luiz Alberto – PT-BA

Congresso Nacional

Emenda Parlamentar n.º 34590001



2005



MAFRO

MUSEU AFRO-BRASILEIRO

Terreiro de Jesus, Antiga Faculdade de Medicina,
Centro Histórico, Salvador - Bahia - Brasil - CEP: 40025-010
Telefax. (071) 3321 - 2013
www.ceao.ufba.br/mafro